

VIAJANDO, CONHECE-SE NOSSO POVO, CONHECE-SE NOSSA HISTÓRIA: L A LEITURA SOBRE O BRASIL ELABORADA POR ARIOSTO ESPINHEIRA PARA OS NOSSOS ESTUDANTES.

PATRICIA COELHO DA COSTA (UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO BOLSISTA FAPESP).

Resumo

Ao longo do ano de 1937, foi transmitido pela Rádio Jornal do Brasil o programa Viagem através do Brasil. Sob responsabilidade de Ariosto Espinheira, educador ligado ao movimento da Escola Nova, autor de Rádio e educação (1934) e membro da comissão rádio-educativa da Confederação Brasileira de Radiodifusão. O programa, destinado ao público infantil, propunha-se a divulgar uma concepção de quem era o brasileiro, por meio da narrativa de viagens e que incluía noções de história, geografia, folclore e costumes do nosso povo. Tal iniciativa pedagógica não era inédita, outros autores já haviam lançado mão desse tipo de narrativa para elaborar textos sobre história e geografia. Ainda na década de 1930, os programas foram transcritos em uma coleção paradidática, dividida em sete volumes e editada pela Companhia Melhoramentos. A proposta de apresentar um Brasil desconhecido às nossas crianças a partir da narrativa de viagens não era novidade. Em *Através do Brasil* (1910), Manoel Bomfim e Olavo Bilac se utilizaram dessa estratégia para divulgar o país redescoberto pela República. Tais obras fizeram parte do universo escolar de várias gerações, e ainda na década de 1950 ambas continuavam sendo reeditadas. Sendo assim, o objetivo deste trabalho é analisar a obra de Ariosto Espinheira como uma leitura que contribuiu para a formação da idéia de Estado-nação entre nossos estudantes, com a circularidade da narrativa de viagem, escolhida pelo autor, para atingir tal fim. Dessa forma, tal estudo pretende contribuir com novas visões sobre a história da leitura escolar destinada em especial às disciplinas de História e Geografia.

Palavras-chave:

Viagem, História, Geografia.

Vamos agora tomar a direção do nordeste, essa região brasileira, que vai do rio Real, no sul do Sergipe, até o rio Gurupi, entre o Maranhão e o Pará (ESPINHEIRA, 1938: 5). Assim, Ariosto Espinheira anunciava aos seus ouvintes mais um capítulo de sua Viagem através do Brasil. Irradiado pelo *Programa Infantil* da Rádio *Jornal do Brasil* de agosto de 1936 a agosto de 1937, o programa se propunha a dar *uma idéia do que é o nosso Brasil, mostrando-lhes os seus usos e costumes, seus homens e sua geografia, sua história e seus recursos naturais* (p.4). Espinheira pretendia, desta forma, divulgar uma concepção de quem era o brasileiro aos seus pequenos ouvintes, preocupação compartilhada com muitos intelectuais de seu tempo.

Ainda na década de 1930, os programas foram transcritos em uma coleção livros destinados às crianças. Dividida em sete volumes e editada pela Companhia Melhoramentos até os anos de 1960, tal obra perpetuou o conteúdo irradiado, e se constitui não só uma importante fonte sobre a educação através do rádio, como para análise dos livros de leitura escolares. Os volumes divididos por estados, respeitando que houvesse pelo menos um representante de cada região. Ao final, apresentavam uma lista de autores dos trechos compilados, adaptados e consultados na elaboração do texto, possibilitando um olhar mais amplo sobre as opções teóricas de Ariosto Espinheira.

O extenso rol de autores variava a cada volume e abrigava permanentemente os nomes de Euclides da Cunha, Olavo Bilac, Roquette- Pinto e Sílvio Romero. Os intelectuais, com os quais Ariosto Espinheira travou um diálogo, tinham em comum a preocupação em construir o conhecimento sobre o brasileiro. Como destaca Saliba (1998), o advento da república foi visto por uma geração de pensadores como uma oportunidade histórica de integração. Neste aspecto, um intenso debate acontecia:

Sem possuir propriamente uma nação, marcado por extremas diversidades regionais, convivendo com a chaga social do trabalho escravo como herança e com um Estado praticamente reduzido ao servilismo político, o país apresentava-se aos olhos desses intelectuais de um modo insólito e dramático: como construir uma nação se não tínhamos uma população definida ou um tipo definido? Diante daquele amálgama de passado e futuro, alimentado e realimentado pela República, quem era o brasileiro? (p.296).

A presença deste referencial teórico é clara na *Viagem através do Brasil* (1938). Existe uma aproximação maior com as idéias de Olavo Bilac e Roquette Pinto. Em comum, existia a concepção de que a educação era fundamental para o desenvolvimento do sentimento nacional no país. Neste sentido, faltavam obras destinadas às crianças para que o tema fosse abordado de forma adequada nas escolas, sem o verbalismo considerado pouco funcional. Por atender tal demanda, a obra de Bilac Bomfim, *Através do Brasil* (1910) é admirada e seu modelo de narrativa de viagem foi utilizado na obra de Espinheira.

A partir desta perspectiva, o objetivo deste texto é analisar o processo de adaptação realizado por Ariosto Espinheira na construção de sua obra. A análise se divide em dois momentos. O primeiro terá como objeto o modelo da narrativa: a viagem. Na segunda parte será discutida adaptação das idéias vindas do debate ocorrido no meio intelectual sobre o brasileiro ocorrido nas primeiras décadas do século XX em textos com características ufanistas, destinados ao público escolar na década de 1930, em especial *A viagem através do Brasil* (1938).

Para tal análise serão utilizados os estudos de Burke sobre hibridismo cultural. Partindo de uma perspectiva ampla de cultura, que envolve atitudes, mentalidades, valores e práticas este intelectual acredita que a hibridização se encontra em toda a história. Desta forma, em sua obra *Hibridismo cultural* (2003) são analisados vários conceitos que, a seu ver, auxiliam na compreensão deste processo tão complexo. Este trabalho se utilizará, em especial, da idéia de adaptação cultural. Ao iniciar a discussão sobre o assunto, o autor estabelece que a hibridização envolve artefatos, práticas e povos. O texto como resultado dos vários encontros realizados por seu autor, pode ser consequência de vários processos entre os quais o de adaptação. É preciso lembrar que, por esta leitura do hibridismo, qualquer termo não consegue dar conta por si só de fenômeno cultural tão complexo.

Viajando para conhecer o Brasil: um modelo de narrativa

A *Viagem através do Brasil* foi elaborada para o público escolar. Inicialmente foi irradiada pela Rádio Jornal do Brasil. Diariamente, por quinze minutos, Ariosto Espinheira comandava ao microfone a viagem aérea, aterrissando a cada episódio em uma localidade diferente. A transmissão iniciava sempre com dados como a extensão da área *visitada*, os limites do estado, o número de habitantes, as atividades econômicas...O relato seguia cheio de detalhes: "É passado este rio,

estamos em praias do Maranhão, estado mais distante da região nordeste, para quem parte do Rio de Janeiro, como nós...". E vamos abandonar o litoral seguindo o curso do Gurupi, o rio vem lá embaixo e que marca a fronteira entre o Maranhão e o Pará. "Vem lá a Serra do Gurupi que está próxima de nós" (ESPINHEIRA, 1938:18).

Ao ser editado, cada volume possuía pequenos capítulos, que provavelmente respeitavam o formato das irradiações. Ainda possuíam mapas e ilustrações como artifício para orientação do leitor.

A proposta de apresentar um Brasil desconhecido às nossas crianças, a partir da narrativa de viagem não era novidade na década de 1930. Em *Através do Brasil* (1910), Manoel Bomfim e Olavo Bilac se utilizaram desta estratégia para divulgar o país redescoberto pela república. Imbuídos pelo ideal de trazer a modernidade aos brasileiros, os autores elaboraram a obra destinada às escolas primárias com o objetivo de fugir do verbalismo que afastava os estudantes dos conhecimentos de geografia e história. Desta forma, ao apresentar o enredo da viagem dos meninos Carlos e Alfredo, que percorrem o país em busca de notícias do pai, tal opção é assim justificada: *para despertar o interesse do aluno e conquistar-lhe o coração. A vida é ação, é movimento é drama. Não devíamos apresentar o Brasil aos nossos pequenos leitores mostrando-lhes aspectos imotos, apagados, mortos* (p.47).

Ainda que não seja uma obra com fins didáticos, *Os sertões* (1963) de Euclides da Cunha também é o relato uma viagem. Referência constante no trabalho de Ariosto Espinheira, a obra marca o deslocamento do autor pelo sertão, onde a ausência da imagem é superada pela descrição física e pelos sentimentos: "Então a travessia das veredas sertanejas é mais exaustiva que a de uma estepe nua". Nesta, ao menos, o viajante tem o diálogo de um horizonte largo e a perspectiva das planuras francas: "Ao passo que a caatinga o afoga, abrevia-lhe o olhar, agride-o, estonteia-o, enlaça-o na trama espinescente e não o atrai; repulsa-o com as fôlhas urticantes, com o espinho, com os gravetos estalados em lanças..." (p.35).

Tais obras publicadas em momentos tão diferentes da Viagem através do Brasil, que é posterior, convivem, pois não só continuam a ser publicadas como fazem parte de um debate que, de diversas formas atravessa a primeira metade do século XX: quem é o brasileiro? Dos grandes centros urbanos como Rio de Janeiro e São Paulo partem as discussões sobre as regiões do Brasil, pouco conhecidas e estudadas. Neste aspecto, a geração de Euclides da Cunha e Sílvio Romero inaugurou tais diálogos sobre a identidade nacional revelando *a distância entre o país que se conhecia e o país que ainda deveria se conhecer, ambos o mesmo Brasil* (FREITAS, 2001:13).

A particularidade de *Através do Brasil* (1910) está no aspecto didático. Editada pela primeira vez em 1910, fez parte do universo escolar de várias gerações de estudantes. Em 1958, estava em sua 43^a. edição. Como destaca Lajolo (2000), em 1914, um ano depois da segunda edição de Bilac e Bomfim, a *Revista Feminina* vende 30 mil exemplares, número que torna significativos os 4 mil exemplares que o livro vende em três anos.

Neste aspecto, é importante lembrar uma falta de literatura nacional destinada ao público infantil durante as duas primeiras décadas do século XX. Intelectuais comprometidos não só com a idéia do nacional, mas como isso deveria chegar às nossas escolas, juntos Manuel Bomfim e Olavo Bilac já tinham elaborado outras duas obras didáticas: *Livro de Composição para o curso complementar das escolas primárias* (1899) e o *Livro de leitura para curso complementar das escolas primárias* (1901). Botelho (2002) desta que uma das particularidades de *Através do*

Brasil (1910) é sua narrativa própria, ao passo que as duas anteriores eram compilações de textos de outros autores.

Ao analisar *Através do Brasil* Lajolo (1982) identifica a semelhança da narrativa com *Le tour de la France par deux enfants* (1877) escrito por Augustine Tuillerie. Também dedicado ao público infantil narra a aventura de dois irmãos que, órfãos, abandonavam a Alsácia ocupada e, no território francês, encontravam seus parentes e refaziam seus laços familiares. Dada a circulação que Bomfim e Bilac tinham na França, o primeiro passa o ano de 1902 estudando psicologia em Paris com bolsa do governo brasileiro e o segundo trabalha como correspondente de imprensa na Europa ao longo de 1890, é bem possível trabalhar a obra brasileira como uma adaptação cultural, no sentido estudado por Burke (2003). Tal fenômeno é caracterizado como uma das reações possíveis ao encontro de duas culturas diferentes. O termo adaptação, neste sentido, indica um movimento duplo de retirada de seu local de origem e a sua modificação a fim de se encaixar a um novo contexto. A falta de uma literatura infantil brasileira, e o modelo francês que destinado as crianças, tinha em seu enredo a viagem cheia de aventuras que permitiria atender, no caso brasileiro a uma demanda do conhecimento sobre o país, de dimensões continentais.

Em *Através do Brasil* (1910), os irmãos Carlos e Alfredo e o sertanejo Juvêncio tem que percorrer uma longa distância em busca de parentes. Tal percurso permite as lições de geografia, história e costumes dadas por Carlos, o mais velho. As constantes mudanças, próprias do enredo de viagem fazem com que haja uma variedade DCE informações.

A adaptação cultural segundo Burke passa por diferentes estágios, a circulação de *Através do Brasil* (1910) em nossas escolas pode ter prosseguido este processo na construção da Viagem através do Brasil. Nascido em 1904, Ariosto Espinheira muito provavelmente teve contato em sua formação com o texto. Na bibliografia de textos adaptados, consultados e compilado Bilac e Bomfim são citados. Utilizando vários meios de transporte, na maioria das vezes, o avião, ele percorre o Brasil. Ao usar esta estratégia, ele também promove o deslocamento espacial do leitor que passa a imaginar o seu contato com uma região distante e desconhecida. Tal movimentação também ocorria no tempo. Em determinados pontos, o relato se remete ao passado: "Estamos próximos do limite de três estados que ali se encontram: Bahia, Pernambuco e Alagoas". E esta região lembra-nos um dos fatos da nossa história, uma das páginas da escravidão de africanos: "Aquela serra acolá, a serra da Barriga, foi o posto escolhido pelos negros escravos que fugiam das fazendas, em busca da liberdade, e que fundaram a República dos Palmares" (p.9).

Um narrador para contar as histórias da viagem

Presente nas três obras, o papel desempenhado pelo narrador é o de simular um contato com a realidade, na ordem prática. No caso brasileiro, como explica Botelho (2002) há uma composição realista do texto, que se deve a uma necessidade do conhecimento empírico do país, onde os autores e a intelectualidade, em geral, se empenham em registrar um retrato do Brasil.

Em *Através do Brasil* (1910) a figura do narrador é ocupada principalmente por Carlos, irmão mais velho. A obra de Ariosto de Espinheira não existem personagens, apenas a sua narração. Ao analisar o narrador, Benjamin (1994) salienta a distância que este impõe a quem o ouve. Por este aspecto, é possível caracterizar apenas pelo ângulo que este impõe, que é sempre favorável a que

narra. Ao interagir com o ouvinte, não há uma simples difusão da informação: *O extraordinário e o miraculoso são narrados com a maior exatidão, mas o contexto psicológico da ação não é imposto ao para leitor. Ele é livre para interpretar a história como quiser, e sem isso o episódio atinge uma amplitude que não existe na informação* (p.203).

Como estratégia, o narrador expõe um lado imaginário que se confunde com a informação prática:

- Já vi chover pedra do tamanho de um ovo de pombo. Depois as pedras desmancham-se na água - mas quando caem, quebram telhados, e arruinam plantações inteiras.

- E são verdadeiras?

- São pedras de gelo. Vamos passar para a nossa cama, ou antes para o nosso couro ! Daqui a pouco, hei de contar-lhes como passei uma noite dessas sozinho no mato (BILAC; BOMFIM, 1910:132).

Na *Viagem através do Brasil* (1910) há muita alusão aos sentidos o cheiro da terra, a beleza do visual, ao contato com a terra. As informações se misturam aos sentimentos expostos pelo narrador:

Não há aqui o barulho das florestas; tudo é silêncio, de vez em quando quebrado pelo mugido de alguns bois mirins e algumas vaquinhas magras, ou pelo grasnar do anum esbranquiçado. Pequenas árvores, magras e torcidas, aparecem aqui e ali; uma fina poeira branca castiga o viajante, não há água, pois os rios bastante finos no inverno, secam no verão as nascentes desaparecem; as nascentes desaparecem: os açudes nas regiões onde existem, baixam de nível, quando não secam também (p.28).

Nas duas obras a figura do viajante, como narrador, é muito valorizada: traz informações de terras distantes. Tal aspecto também foi analisado por Benjamim. Ao seu olhar, tanto aquele que detém o conhecimento das tradições do grupo, como aquele que desconhecido traz histórias de lugares diferentes, por onde passou, exercem fascínio sobre os ouvintes ao narrarem suas histórias. O principal é que o narrador é aquele que sabe dar conselhos:

Desçamos para melhor apreciar o Atol das Rocas. Chama-se de atol uma ilha de coral.

O Atol das Rocas é um perigoso recife de coral, em forma de anel, com uma abertura que comunica o mar com a lagoa interior

Antes da construção do farol, a ilha das Rocas era o pavor dos navegantes, pois só é visível de muito perto por baixa e por serem os navios arrastados em sua direção pela Corrente Equatorial, que é verdadeiro rio que corre dentro do mar. (ESPINHEIRA, 1938:61).

A partir da figura do narrador viajante presente tanto na obra francesa quanto nas brasileiras, é traçada a linha de uma unidade nacional à medida que ele estabelece um único olhar para diferentes costumes, paisagens, culturas... Todos passam a ter sensação de que aquilo que não conhecem e parece tão distante, também faz parte

de suas vidas, como acontece com o viajante, que, por sua vez, ganha confiabilidade, pois é tão próximo, tão reconhecido.

Muitos encontros e uma viagem

A obra possui as marcas dos muitos encontros vividos por seu autor. São diálogos de uma vida, a formação escolar, as leituras, discussões com outros intelectuais, viagens.... Por si, tal aspecto dá o caráter híbrido a obra. Para Burke (2003) não há outro caminho, pois cada vez mais é improvável a hipótese de uma cultura isolada. Muitos são os meios de contato, que superam as distâncias e o tempo. O livro por sua materialidade é um grande promotor desses encontros.

A proposta de elaborar um programa infantil que falasse sobre a nossa geografia, história e cultura é bem complexa. Com a literatura para crianças pouco desenvolvida no início do século XX, mais árdua era sua tarefa. Ao perceber a presença do modelo da narrativa de viagem utilizada em *Através do Brasil* (1910) e do relato ufanista dirigido à infância de Coração, optei pela adaptação cultural, sem a ilusão de que esta metáfora, analisada por Burke (2003) conseguisse dar conta deste processo de hibridação, como tantos outros, tão particular.

A Viagem através do Brasil por seu processo de hibridação não se confunde com as obras com as quais Ariosto Espinheira teve contato, provavelmente ainda sentado em bancos escolares, dada sua circulação. Os diálogos que estabelece para falar da nossa cultura são muitos e muitas foram suas opções na construção deste do país transmitindo pelo rádio a muitos ouvintes. Por sua vez, o livro aumentou a circularidade de sua obra provocando, assim, novas viagens.

REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BOMFIM, Manoel, BILAC, Olavo. *Através do Brasil*. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1910.

_____. *Através do Brasil: prática da língua portuguesa, narrativa*. Organização de Marisa Lajolo. São Paulo: Companhia das letras, 2000.

BOTELHO, André. *Aprendizado do Brasil: a nação em busca de seus portadores sociais*. Campinas, Editora da UNICAMP, 2002.

BURKE, Peter. *Hibridismo cultural*. São Leopoldo, UNISINOS, 2003.

CAMPOS, André Luiz Vieira de. *A república do picapau amarelo: uma leitura de Monteiro Lobato*. São Paulo: Martins Fontes, 1986.

CUNHA, Euclides Rodrigues Pimenta da. *Os sertões: campanha de Canudos: introdução de Werneck Sodré*. 27^a. Edição, Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1963.

DE AMICIS, Edmundo. *Coração*. São Paulo, Livraria Francisco Alves, 1959.

ESPINHEIRA, Ariosto. *A viagem através do Brasil*. Volume 2. São Paulo, Edições Melhoramentos, 1938.

FREITAS, Marcos Cezar de. *História, antropologia e a pesquisa educacional: itinerários intelectuais*. São Paulo, Cortez, 2001.

LAHUERTA, Milton. *Os intelectuais e os anos 20: moderno, modernista, modernização*. In: DELORENZO, Helena Carvalho, COSTA, Wilma Peres da organizadoras. *A década de 1920 e as origens do Brasil moderno*. São Paulo, Editora da UNESP, 1977.

LAJOLO, Marisa Philbert. *Usos e abusos da literatura na escola: Bilac e a literatura escolar na República Velha*. Rio de Janeiro: GLOBO, 1982.

ROQUETTE-PINTO, Edgard. *Ensaio brasileiro*. São Paulo, Companhia Editora Nacional.

_____. *Seixos rolados* (estudos brasileiros). Rio de Janeiro, Mendonça e Machado e companhia, 1927.

SALIBA, Elias Thomé. A dimensão cômica da vida privada na República. In: SEVCHENKO, Nicolau (org.) *História da vida privada no Brasil*. São Paulo: Companhia das letras, 1998.